

F I
emanuel
2

A T
dimas
0

de

L
melo
0

U X
pimenta
0

publicado em
RISK Arte Oggi
Milão, Itália, 2000
Fiat Lux
Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: FIAT LUX
autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta
ano: 2000

Filosofia, estética, cognição, arquitectura
editor: ASA Art and Technology UK Limited
© Emanuel Dimas de Melo Pimenta
© ASA Art and Technology

www.asa-art.com
www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do auto deverá ser sempre incluído.

No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra estava deserta, vazia; as trevas cobriam o abismo. Sobre as águas, apenas um vento pavoroso. Deus disse: haja luz e houve luz.
Gênesis

Luz.

Assim começam incontáveis *textos* sagrados.

O que significa lembrar que não estamos tratando da tradição oral, mas sim da *escrita* sagrada.

E não há escrita sem luz.

Mas, não é uma *luz* qualquer. Quer dizer, não se trata daquilo a que chamaríamos vulgarmente luz no seu sentido mera e exclusivamente físico. Esses textos sagrados tratam a luz como sendo algo espiritual – enquanto representação da *verdade*.

E não há verdade *única* sem luz.

A *verdade* – aspiração mística perseguida por ideais religiosos os mais diversos no Ocidente e no Oriente – pode ser compreendida como aquilo a que vulgarmente chamamos *significado*. E o significado de um signo é outro signo, de natureza diferente. Assim, a *verdade* – tomada enquanto generalização – é um encadeamento *contínuo* de signos.

Normalmente lidamos com a *verdade* no sentido literário, com a aspiração a uma significação específica, única, exclusiva, desencadeada por aquele processo de articulação *contínua* de referências.

Nas culturas que poderíamos chamar de *pré-visuais* não existe a ideia de uma busca pela *verdade*, como uma significação única e especializada, superior e final, num espectro contínuo.

Toda a nossa concepção de universo, de vida, enfim a nossa lógica, é cunhada por uma permanente metamorfose cognitiva, uma contínua mutação da nossa *paleta sensorial*. Albert Einstein costumava defender que «nenhuma ideia é concebida em nossas mentes independentemente dos nossos cinco sentidos».

Ainda assim, a *luz* se revelou enquanto elemento essencial na formação daquilo a que poderíamos chamar *civilização Ocidental*.

E, isolando-a, ainda que arbitrariamente, convém questionar aqui o papel da luz do ponto de vista biológico e, portanto, cognitivo – sobre como somos *formados* pela luz.

Para tal, num primeiro momento, basta-nos ter em especial atenção o que é o olho e a sua estrutura ao nível filogenético.

Lentamente, após o nascimento, passando através do cristalino, a luz é concentrada num foco central, provocando uma formidável corrente migratória das células fotoreceptoras, gerando a *macula* e a *fovea centralis*.

Tudo concentrado numa única área. A isto, em termos funcionais e cognitivos, chamamos de *sístase* – a nossa capacidade de ver tudo como um conjunto de coisas e não *uma coisa depois da outra*, com acontece com a percepção do som.

As diversas tecnologias de perspectiva – incluindo a *perspectiva plana* – nada mais são que uma tradução *geométrica* desse processo. E a natureza lógica desse fenómeno é o *ponto de fuga*, a estrutura hipotática, a predicação, a contiguidade, o *verbo*.

Por isso João diz na sua Génesis que «no início era o verbo, e verbo estava com Deus, e o verbo era Deus», porque o *verbo* é o início do que viria a ser a chamada *civilização Ocidental*.

Mas a luz possui duas naturezas paradoxais – ela é simultaneamente onda e partícula. Essa simultaneidade de naturezas em certo sentido contraditórias produziu um interessante impacto ao nível da formação cultural em larga escala.

É com a *luz onda*, enquanto fenómeno civilizatório, que emergem os sistemas ideográficos. Com a *luz onda*, os significados são estabelecidos, em grande parte, pelo contexto. E o contexto é tomado como sendo uma totalidade – um *continuum*. Trata-se da função que nos diz onde uma coisa *pode* estar, e não onde ela *está*.

Com a *luz partícula* surgirá o *número* enquanto sistema fechado constituído por partículas fortemente discretas e permutáveis – e será essa a condição lógica por excelência do alfabeto fonético.

Certamente, um dos primeiros momentos civilizatórios cunhados pela *luz* terá sido a Suméria. Na formidável constelação dos seus mitos, a organização universal se sustenta num primeiro momento com a criação do Sol e da Lua – ambos elementos de luz.

Inanna, iluminada deusa celeste que domina a escrita, desce ao mundo dos mortos. O Sol, a Lua, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos nos indicam, numa primeira e rápida abordagem, divisões oximóricas, dualistas. Mas, a ordem mitológica Suméria, no seu complexo, é toda caracterizada por estruturas triádicas.

Para o caso de não voltar ao mundo dos vivos após três dias, Inanna pede ao seu conselheiro para realizar importantes rituais dedicados aos três deuses mais importantes do panteão Sumério: Enlil, Nanna e Enki – respectivamente, o ar, a Lua e a escrita. Será Enki – a escrita – quem trará Inanna de volta ao mundo dos vivos.

Num outro momento, Dumuzi – deus da vida nómada, pastor – defronta-se com Enkimdu – deus da agricultura. Dumuzi vence Enkimdu, numa operação inversa àquela que ocorreria com Caim e Abel, quando o mundo da agricultura finalmente vence o universo nómada. E será novamente Enki – deus da escrita – quem criará o primeiro ser humano, curiosamente à partir do barro.

Todas essas relações vão se construindo em unidades triádicas, onde os papéis dos vários deuses vão se combinando em espécies de *nuvens* de eventos.

Essa característica de *nuvem*, de campo probabilístico de eventos, é típico da *luz onda*. Ela gerará o ideal místico da busca de uma *verdade* geral, de um significado omnipresente.

Não sabemos a razão pela qual Inanna desceu ao mundo dos mortos. Num momento ela entregaria Dumuzi à morte – noutro, o elegeria como marido.

A própria escrita cuneiforme é esclarecedora quanto a esse comportamento impreciso e geral. O significado dos signos estabelecidos nas

tabuínghas acontece enquanto contexto. Isto é, o significado do texto depende, principalmente na arcaica escrita cuneiforme, da localização e posição relativa dos signos no plano.

Na mitologia Egípcia, no início tudo era um oceano *sem forma*. Daí nasceu Ra, o Sol. De Ra – ou seja, da *luz* – nasceram Chu e Telfnut, Geb e Nut. Eles são dois casais, duas duplas, respectivamente espaço, humidade, terra e céu.

Ra e os dois primeiros casais formaram a tríade original do universo mítico Egípcio.

Através de um hábil ardil de Toth – deus da escrita, da visão – Ra seria enganado. Daí, auxiliados pelo estratagema de Toth, enganando Ra, Geb e Nut gerariam outros dois casais, dois pares antinómicos: Osíris, Ísis, Seth e Neftis. Seria a partir desses dois casais de irmãos que teria início a população da Terra. Como na primeira geração, Geb e Nut juntos formam uma tríade com os dois casais descendentes.

Osíris é o deus da vegetação, da agricultura, da visão, ele é o orvalho da manhã, a primavera, a vida após a morte, a memória. Seth, seu irmão, é o mundo nómada, o fogo, a ganância, o desrespeito pelas leis, pelas tradições estabelecidas pelo mundo agrário.

Seth assassina Osíris, como Dumuzi tinha vencido Enkimdu. Mas desta vez Osíris, já morto, vence Seth através de Hórus – seu filho que significa *visão* total, holística, de todos os fenómenos da vida, como uma águia em pleno voo.

O Egito vai se construindo entre elementos triádicos e fortes dualidades.

Osíris constitui, com Ísis e Hórus, certamente a mais importante referência triádica de todo o universo mitológico Egípcio. O desenrolar desse poderoso universo mítico parece vacilar permanentemente entre uma lógica triádica e outra, de natureza binária.

Através da intensificação da luz, gradualmente, uma parte da Humanidade vai se transformando de *onda* em *partícula*, ao nível lógico.

Mas, o princípio triádico Babilónico nunca desapareceria totalmente – como mostrma os célebres e encantadores estudos de George Dumèzil. A estrutura fundamental da cultura Indo Europeia será formalizada sobre aquele princípio. A Grécia defenderia o seu universo convencional através da fórmula *thesis, nomos* e *ethos*. Roma teria *Júpiter, Marte* e *Quirinos*. A Escandinávia elegeria *Odin, Torr* e *Freyr* e assim por diante.

Mas, mesmo com esses elementos triádicos, a natureza primeira do universo Clássico, pós-Socrático, seria a da binomial, polar e oximórica oposição dos seus elementos. Daí a ideia de uma operação fundamentada na tese, na sua antítese e conseqüente síntese – a projecção do verbo.

E embora possamos identificar a metamorfose de uma cultura passando da *luz onda* para os princípios da *luz partícula*, essa transformação não é algo linear, mecânico e preciso. Tudo são aproximações e generalizações que operam em grandes escalas civilizatórias de espaço tempo.

Tratamos de algo a que poderíamos chamar *design* civilizatório.

Nesse universo em permanente mutação, o imaginário Hebraico parece ter-se mantido como um formidável elo entre a abordagem *luz partícula* – característica do mundo clássico e do alfabeto fonético – e o antigo cenário lógico do universo triádico Sumério.

A arte combinatória da Cabala – palavra que poderia ser traduzida por *tradição* – permite-nos uma notável flexibilidade ao nível estratégico. Geralmente a Cabala é dividida em três categorias: a teórica, a meditativa e a mágica. A primeira é orientada para a articulação de dez Sephirot – as emanções divinas que o Zohar habilmente ilustra como sendo *aspectos de Deus*, isto é, da vida. A segunda categoria opera ao nível das permutações, dos números e das palavras. A última é uma combinação entre a categoria meditativa e uma constelação de formulações mágicas. Convém, entretanto, não esquecer que o fundamento da magia é o animismo, a *anima* que trará em si os segredos de tudo.

Essas três categorias cabalistas parecem sempre recorrer aos dez Sephirot, tomados enquanto verdadeiros elementos lógicos, formando sete possíveis combinações triádicas básicas.

São *três* os princípios que sustentam os Sephirot – o equilíbrio, o rigor e a misericórdia.

E serão *três* as técnicas fundamentais para se interpretar a Cabala: o *notariqon*, a *gematrya* e a *temurah*. A primeira é a técnica do acróstico, que não apenas foi um artifício poético caro à Antiguidade tardia, como era de frequente uso pelos *notarii* nos tribunais Romanos, e daí o seu nome.

A *gematrya* – surgida do Grego *geometria* – é uma espécie de numerologia e, finalmente, a *temurah* é a arte da permutação das letras, o anagrama.

Mas, os Sephirot são estabelecidos a partir de dois momentos fundamentais: Keter – a coroa, o nada, a fonte infinita de luz; e Malkhut – onde aquela luz chega, o que é iluminado. Essa passagem de luz, de um ao outro polo, acontece como se refractada por um prisma de oito faces. Nesse luminoso percurso estão manifestas os elementos essenciais da vida – caminhando do imaterial para o material.

Na sua complexa estrutura, três dos Sephirot são elementos de contracção, outros três de expansão, que – como acontece com a oposição entre luz e escuridão – conferem à dinâmica da Cabala uma nova configuração binária, polar, que orienta todas as suas possíveis articulações.

A Cabala lança as suas certamente mais remotas raízes ao mundo da antiga Babilónia, mas revela uma formidável estrutura lógica combinando princípios binários e triádicos.

Partimos da Suméria, com a invenção da escrita cuneiforme e a elaboração de uma lógica fortemente triádica. Passamos pelo fabuloso imaginário de Osiris; mergulhamos no mítico universo Hebraico, onde número e letra se combinam para revelar os segredos do mundo através da cabala; para encontrarmos, finalmente, os Fenícios que representam, com a invenção do alfabeto fonético, a raiz do chamado *milagre Grego*.

Em todos esses momentos nos deparamos com a *luz* como elemento cultural fundamental.

Nesse curioso percurso de luz, por volta de 1500 a.C., Zaratrustra projectaria a ideia de um fim do mundo, através de uma fabulosa batalha entre dois elementos de natureza oximórica: o bem e o mal.

O número *três* projecta o número *dois*. Isto é, a intensificação de um sentido provoca um salto lógico. O que antes era caracterizado pela articulação dos elementos lógicos num *continuum*, realizando enquanto expressão lógica a natureza de onda das partículas de luz, constituindo campos e áreas de probabilidade típicos daquele universo mitológico, dá lugar, gradualmente, a uma lógica que encontra na natureza da luz enquanto partícula a sua referência por excelência.

É na sequência dessa notável corrente civilizatória – passando da *luz onda* para a *luz partícula* – que, no século III a.C., surgiriam os chamados Profetas

do Apocalipse, ou Profetas da *Revelação*. Profetas que, praticamente todos, receberam as mensagens sagradas enquanto *informação visual*, enquanto espécie de luz, em sonhos, em êxtase, através de intermediários, de anjos visíveis. Tudo estruturado enquanto partículas discretas, articuláveis e permutáveis.

Os outros profetas, fora da tradição apocalíptica, pertencentes a um universo oral, recebiam as profecias de forma acústica e directa – como um *continuum*.

Uma sociedade tribal possui diferentes *verdades* estabelecidas em paralelo, *significados* sem uma única estrutura hierárquica de elementos.

Dessa mesma corrente de transformação já tinham surgido os Canaanitas – posteriormente conhecidos como Fenícios pelos Gregos – com a origem da incrível revolução que viria se revelar a partir da tecnologia do alfabeto fonético e a posterior agregação das vogais como fundamento do *milagre Grego*.

Assim, emergiram a predicação e a ilusão da contiguidade – elementos essenciais para se compreender aquilo a que chamamos *civilização Ocidental*.

Predicação e ilusão da contiguidade nada mais são do que expressões da luz enquanto partícula por excelência.

É à essa galáxia de luz enquanto sistema lógico binário, complexo de elementos discretos, que a ideia de *história*, enquanto fenómeno tecnológico, lança as suas mais profundas raízes.

Assim, surge – aparentemente a partir da civilização Suméria – a projecção de uma lógica cunhada na estrutura física da luz, e as suas implicações ao nível biológico, cognitivo, enquanto informação, na mutação de uma *luz onda* para uma *luz partícula*.

Num primeiro momento, a estrutura lógica triádica do universo Sumério revela a natureza da luz enquanto onda: um primeiro, um segundo e um terceiro que se articulam como nuvens, ou campos. Isto é, não existe a determinação precisa de um evento, mas sim de algo acerca de como ele poderia ser. Essa natureza imprecisa produz a aparente contradição da construção mitológica Suméria. Na verdade, se tomarmos os eventos mitológicos de então enquanto formações de campos de probabilidades, passaremos a compreender melhor toda aquela estrutura de conhecimento.

Mas, já no mundo Egípcio, gradualmente, a intensificação da luz enquanto onda vai gerando uma lógica binária – lógica que encontraria plena expressão no mundo Clássico Greco Romano.

Imagine-se, por exemplo, que a provável origem etimológica da palavra *crono* – de *cronologia* – está relacionada ao verbo *kraínen*, que indica a ideia de *conclusão*, o *desferir o golpe de misericórdia*, *finalizar* algo.

Essa é a natureza primeira da luz, ao nível cognitivo – mas, principalmente, *luz partícula*.

A audição opera diversos níveis paralelos de frequência estabelecidos numa linha diacrónica de sucessão. Não há audição sem tempo. A visão, contrariamente, é designada por um fenómeno conhecido como *sístase* – vê-se *tudo de uma única vez*. Quando apreciamos um quadro, por exemplo, não olhamos uma coisa de cada vez.

Essa é, também, a natureza daquilo a que poderíamos chamar de *finalização*, de *golpe de misericórdia*. Isto é: essa é a natureza do *tempo* Ocidental. Por isso, embora o som articule-se diacronicamente, ele não produz a sensação de *fechamento*, de *conclusão* – é a visão que gera essa sensação.

Daí o mito de Cronos – devorando implacavelmente os seus filhos – estar de alguma forma relacionado ao conceito de *tempo* não é algo surpreendente.

É a essa corrente que as origens da tecnologia da *perspectiva plana* e da imprensa de tipos móveis lançam as suas raízes, para nos lembrar que para a infame Inquisição o que *libertava* os *indivíduos* condenados era a *luz* e não o calor das chamas.

Curiosamente, é essa mesma *luz partícula* – responsável pela ideia moderna de religião, enquanto ideologia quase pagã e organização política independente do Estado e do exército – que viria dessacralizar o mundo urbano Ocidental do final desde a metade do século XVIII. Assim, também nasce a ideia moderna de *democracia*, tendo como um dos seus pilares elementares o princípio de *um indivíduo, um voto*.

Esse é o mundo da literatura.

Realizamos uma breve e maravilhosa viagem, partindo do mundo Sumério para chegar até aqui.

Mas, apenas a diferença produz a consciência. Apenas nos damos conta daquilo que sabemos em *situações limite*. Adquirimos a plena ideia do valor de uma pessoa amada, quando não mais a temos.

A introdução de um novo tipo de *luz* – passando de uma civilização da luz projectada para o universo da luz emitida, desconhecido até então – mudou todo o cenário civilizatório Ocidental.

Apenas no final do século XX nos demos conta do papel exercido pela antiga ideia de luz enquanto fio condutor se desenvolvendo ao longo de milhares de anos.

Naturalmente, não eliminamos a antiga tecnologia de luz tomando a nova como ideal substituto tecnológico – da mesma forma que aquela antiga tecnologia não substituiu plenamente o universo acústico.

Muda-se todo o cenário civilizatório.

Passamos de uma lógica teleológica, típica da *luz partícula*, fundamentada numa ordem de *princípio-meio-e-fim*, para uma outra, para a qual o princípio do *terceiro incluído* elaborado por Stéphane Lupasco é uma lúcida representação. A esse princípio, segundo o qual temos simultaneamente *a; não-a; a e não-a*, acrescenta-se os princípios de uma *telecausalidade*.

Toda a noção de *história*, enquanto tecnologia civilizatória, e principalmente após o período a que chamamos, não inocentemente, de Iluminismo, é fundamentada na ideia de uma *causalidade local*.

Mas, a Nova Teoria Quântica revelou uma outra face daquilo que sabemos, com os modelos de *telecausalidade*, para a qual a Teoria das *Super Cordas* é uma referência essencial.

A *telecausalidade* é comum ao universo mágico da *luz onda*, mas estranho ao sistema de unidades discretas da *luz partícula*. Por isso, a partir do século XVIII, a ciência se afasta definitivamente da magia.

Pela mesma via, gradualmente, toda a ideia de arte e de cultura, até ao século XX, foi se fundamentando no culto à *personalidade* – no ideal do *personare* Etrusco – e na ideia de um bloco coerente estável de ideias.

Esse é o universo da antiga *luz partícula*. Mas, a nova *luz*, que penetra os nossos olhos a partir dos tubos catódicos e das telas de computador, aproxima-se do tacto enquanto estrutura lógica.

Por isso, hoje, o culto à personalidade passa à esfera do entretenimento.

E a arte, no seu sentido mais elevado, não mais se trata de *underground*, mas sim de *background*. Ela passa não mais a estar *fora* do mundo comum e profano, mas sim integrado a ele.

E digo arte enquanto instrumento de permanente desconstrução cultural.

Portanto, também não há mais a ideia de um sistema coerente de ideias na manifestação da obra de arte, e sim o encadeamento de referências contínuas numa estrutura não linear de elementos discretos, para a qual o mistério e a permanente descoberta de novas relações é a sua natureza primeira.

A luz projectada gera a sensação de continuidade, a luz emitida produz um universo de interações e de autosimilaridades integradas num processo *auto regulador*. Esse é o fundamento do tacto, aqui traduzido a partir do impacto da luz sobre a parede retineana.

Muda-se a natureza da memória, a concepção do tempo, a ideia de diferentes *culturas* – antes elementos estanques, fortemente especializados. Memória, tempo e conhecimento passam a pertencer ao que as teorias de inteligência artificial trataram de chamar *ambiente*.

Com a transformação do mundo acústico para o domínio da luz emitida passamos a uma lógica *onda partícula*. Essa lógica permitiu uma concepção *fechada* de universo, onde tudo está ligado entre si. E, se para o universo da *luz partícula* a previsibilidade é um elemento essencial, a lógica *onda-partícula* re-insere o acaso como dado fundamental de todo o processo.

Gradualmente, aquilo que se convencionou como sendo a busca pela *verdade* mística ao longo dos séculos simplesmente deixa de existir. Algo que nos faz lembrar Heráclito quando dizia que nós «descemos e não descemos os mesmos rios, somos e não somos».